

Alasdair MacIntyre e a defesa da concepção de pesquisa racional implícita nas tradições morais

RESUMO

Na filosofia contemporânea, diversos autores procuram resgatar a tradição de uma postura pre-conceituosa, assim elas são redescobertas pelo seu valor epistemológico, com reconhecimento de que a compreensão humana é constituída em seu interior. Alasdair MacIntyre é um dos autores que faz essa redescoberta. Ele defende a tese de que a tradição é o lugar próprio da racionalidade. A tradição é um constitutivo fundamental do entendimento racional no âmbito prático. Ele afirma tese de que não existe racionalidade prática fora das tradições.

Palavras-chave: MacIntyre; Racionalidade; Tradições morais; Hermenêutica.

ABSTRACT

The historical traditions have been sources of inspiration and renewal for a growing number of contemporary philosophers. Alasdair MacIntyre is amongst those who intend to rescue the epistemic value of moral traditions by defending that there is no practical rationality outside them. Therefore, he opposes the negative view of traditions proposed by the philosophers of the Enlightenment and explores moral concepts against their historical backgrounds.

Key words: MacIntyre; Rationality; Moral traditions; Hermeneutic.

* Mestranda em Filosofia, Universidade Federal do Ceará/Procad UFC-PUCRS.

Introdução

A cultura iluminista da época moderna instaurou um novo significado ao termo tradição, a tradição passou a ser considerada um elemento negativo, que transporta em seu seio uma autoridade não justificada. A tradição ganhou uma conotação negativa é usada com o significado pejorativo para indicar posições antigas, velhas e sem justificção, sem razão de ser.

Para a cultura iluminista, existe um abismo entre o termo razão e tradição. A tradição é uma instância que nega a razão, pois é entendida com uma imposição arbitrária. O pensamento moderno é entendido como uma crítica à tradição, como uma reação e como uma recusa do seu conteúdo metafísico e religioso que aprisionara os homens na obscuridade e no atraso. Nesse contexto, ela é entendida como negação da mudança, e isso representariam um empecilho para o progresso científico, emergente naquele período, para o progresso da consciência e do saber do homem. A negação da tradição é feita em todos os níveis, seja ético, político, religioso ou epistemológico.

Hoje, no contexto da filosofia contemporânea, é cada vez maior o número de autores que procuram resgatar a esfera da tradição de uma postura preconceituosa. As tradições históricas têm servido aos interesses de vários filósofos contemporâneos, enquanto inspiração, renovação e amadurecimento da reflexão filosófica. As tradições são redescobertas pelo seu valor epistemológico, como reconhecimento de que a compreensão humana é constituída no interior das tradições.

Alasdair MacIntyre é dos autores que faz este resgate das tradições morais. Ele defende a tese de que a tradição é o lugar próprio da racionalidade, e não negação desta como propunha a cultura iluminista. A tradição é para ele um constitutivo fundamental do entendimento racional no âmbito prático, isto é, ele afirma tese de que não existe racionalidade prática fora das tradições.

No presente artigo, pretendemos explicitar a idéia própria tradição em MacIntyre, bem

como a concepção de racionalidade implícita nas tradições morais.

Tradição e Racionalidade: uma Defesa da Concepção de Pesquisa Racional Implícita nas Tradições Morais

Incontestavelmente é enorme a contribuição de Alasdair MacIntyre para a filosofia política e moral contemporânea. Seus escritos sobre ética, filosofia política, filosofia da religião, ciências sociais e história têm lido grande repercussão nos últimos vinte anos. Alasdair MacIntyre é *Senior Research of Philosophy* da Universidade de Notre Dame e membro da Academia Americana de Artes e Ciências.

Para Alasdair MacIntyre, ao contrário da asserção iluminista, a tradição possui um valor epistemológico. Para ele a compreensão humana é constituída no interior de tradições e são elas que constituem o substrato a partir do qual se constroem as razões do homem e de sua ação no mundo em que vive. Assim não existe racionalidade prática fora das tradições, mas só no interior das mesmas. Ele afirma que

Todo raciocínio acontece dentro do contexto de algum modo de pensamento tradicional, transcendendo por intermédio da crítica e invenção, as limitações do que até então se pensava dentro daquela tradição. Descubro que faço parte de uma história e isso é mesmo que dizer, em geral, quer eu goste ou não, quer eu reconheça ou não, que sou um dos portadores de uma tradição.¹

MacIntyre busca recuperar o conceito de tradição não mais com algo passado estaticamente através das gerações, mas sim como portadora de uma dinâmica interna na qual o conflito tem um lugar necessário na sua constituição. "As tradições quando vivas contêm continuidade de conflitos."² Para MacIntyre, as tradições de pesquisa sempre têm um ponto de partida histórico contingente em alguma situação em que se pôs em questão uma série de

¹ MACINTYRE, A. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru: Edusc, 2001. p. 372.

² Idem., p. 373.

crenças e práticas estabelecidas que pressionam crenças;

[...] toda forma de pesquisa começa a partir de uma condição de pura contingência histórica, de crenças, instituições e práticas de uma comunidade particular que constituem um dado.³

A tradição é responsável pela formação do caráter do sujeito moral.

O caráter do sujeito moral é formado e desenvolvido num contexto social determinado por sua participação nas práticas constituídas em cada tradição em torno dos fins da mesma. Ele adquire sua maturidade através da reflexão sobre o gênero de vida que vivencia e pelas avaliações das ações como vícios e virtudes, por meio de uma narrativa pessoal construída no interior de uma comunidade e dela constitutiva. Existe dentro da estrutura das tradições, uma concepção de pesquisa que é responsável pela elaboração de um modo de vida social e moral, é essa concepção de pesquisa racional que MacIntyre acredita ser capaz de devolver racionalidade aos conceitos e práticas morais contemporâneos, e foi justamente a omissão deste tipo de racionalidade que gerou a interminabilidade do debate moral característico de nossa época.

O conceito de tradição com o qual MacIntyre opera em sua ética é a tradição enquanto pesquisa racional. Ele procura forjar um conceito de tradição que não negue as conquistas das tradições como constitutivo epistemológico e que reafirma a condição histórica tanto da vida prática como da vida do espírito. MacIntyre define tradição como

Uma argumentação desenvolvida ao longo do tempo onde certos acordos fundamentais são definidos e redefinidos em termos de dois conflitos: conflitos internos interpretativos, através dos quais o significado e os acordos fundamentais são expressos fornecendo um progresso para toda a tradição; e debates com críticos e inimigos externos que rejeitam todos ou pelo menos parte dos acordos fundamentais.⁴

É o conflito que garante o movimento da tradição rumo a seu fim, ao seu *telos*. As tradições são movimentos históricos ao longo dos quais seus adeptos tornam-se conscientes da mesma e de sua direção, ao tempo em que se engajam em seus debates e dão prosseguimento às suas pesquisas,

Uma tradição viva é, então, uma argumentação que se estende na história e é socialmente incorporada, e é uma argumentação, em parte, exatamente sobre os bens que constituem a tradição.⁵

MacIntyre deixa claro que a tradição é portadora de uma dinâmica interna, e que o conflito é um elemento importante dentro da estrutura da tradição, pois ele é responsável pela definição e redefinição dos acordos fundamentais que estabelecem os primeiros princípios da tradição. Estes princípios são reconhecidos por todos os adeptos das tradições e geralmente não levantam questionamentos, pois eles respondem as questões formuladas e estabelecem um padrão de vida moral e social que todos os indivíduos devem buscar. Porém, pode acontecer que, em determinado estágio de desenvolvimento da tradição – quando a tradição entra em crise interna ou quando é confrontada com outra tradição rival e incompatível – estes princípios não sejam mais capazes de responder às inquietações levantadas e se dissolvam em contradições, neste momento os adeptos da tradição reconhecem que eles não servem mais ao propósito da mesma. Então, estes princípios são abandonados e os teóricos da tradição se lançam na formulação de novos argumentos e teorias que forneçam novos princípios para a tradição e que dêem continuidade a sua narrativa.

Estes novos princípios formulados devem ser superiores em racionalidade com relação aos princípios anteriores. Os primeiros princípios forjados no interior das tradições só podem ser justificados pela superioridade racional adquirida ao ultrapassarem as outras tentativas de formular tais primeiros princípios e teorias no interior da tradição particular e de re-

³ MACINTYRE, A. *idem*, p. 375.

⁴ _____. *Justiça de quem? que racionalidade?* São Paulo: Loyola, 1991. p. 23

⁵ _____. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Bauru-SP: EDUSC, 2001. p. 373.

sistir ao confronto com teorias éticas rivais que rejeitam seus acordos fundamentais. Assim a justificação racional é uma narrativa histórica do debate e do conflito dentro das tradições particulares e do debate e da discordância entre tradições morais rivais, são esses debates que permitem a adequação ou não dos primeiros princípios que são constituintes e constitutivos da racionalidade das tradições.

As tradições, enquanto movimentos históricos podem cair em contradição e destruir-se. Os conflitos internos podem destruir o acordo fundamental que dá sustentação às práticas das tradições, eles podem gerar uma divisão entre dois ou mais componentes em conflitos, transformando seus adeptos em críticos externos, podem até levar a tradição à incoerência e à sua dissolução. A narrativa histórica de tradições implica:

[...] uma narrativa da pesquisa e do debate dentro de uma tradição e também uma narrativa e do debate e da discordância entre uma tradição e suas adversárias, debates e discordâncias que definem pormenorizadamente os diversos tipos de relações antagônicas.⁶

Pode também acontecer, afirma MacIntyre, que duas tradições, até então independentes e mesmo antagônicas, passem a reconhecer a possibilidade de uma fusão através de um debate único e mais complexo.

MacIntyre identifica três estágios no desenvolvimento inicial de uma tradição. O Primeiro, no qual as crenças, textos e autoridades relevantes ainda não foram questionados. O segundo, no qual vários tipos de inadequação foram identificados, mas não ainda solucionadas; quando dentro das tradições morais os primeiros princípios se dissolvem em contradições e não mais respondem às inquietações de sua comunidade, ocorre o que MacIntyre chama de crise epistemológica. A crise epistemológica é um estado de dissolução das crenças e argumentos historicamente fundados, essa crise atinge o âmbito da reflexão e da prática social. Para MacIntyre a crise epistemológica é o estado no qual o que se considerava evidente torna-se suscetível de interpretações rivais.

Para os agentes racionais envolvidos, a crise epistemológica aparece como

um estado no qual aquilo que se considerava como evidente apontado sem ambigüidade para alguma direção resultou agora estar igualmente suscetível a interpretações rivais.⁷

É um terceiro estágio, no qual a reação a tais inadequações resultou numa série formulações, reavaliações, novas formulações e avaliações concebidas, a fim de solucionar as inquietações e superar as limitações. Quando se alcança o terceiro estágio de desenvolvimento, os membros da comunidade que aceitaram as crenças da tradição na sua nova forma tornam-se capazes de contrastar suas novas crenças com as antigas. O desenvolvimento de uma tradição acontece à medida que elas são capazes de superar seus conflitos internos, reformulando seus argumentos, fornecendo uma nova base para os acordos fundamentais e mantendo sua coerência interna, ou seja, as tradições amadurecem quando seus adeptos encontram uma maneira racional de superar os conflitos, sejam eles internos ou externos que ameaçam romper com a narrativa histórica de sua tradição.

O conceito de tradição de pesquisa racional deixa entrever a íntima relação entre história, filosofia e sociologia. É neste nexos entre filosofia, história e sociologia que se gesta o conceito de pesquisa racional como constitutivo da tradição e constituído por ela, ou seja, uma racionalidade que é parte de uma estrutura social historicamente marcada cristalizada numa tradição social, e que carrega esta marca nas suas estruturas sociais, não se compreendendo fora desta tradição.

Conclusão

O problema central que perpassa toda obra de MacIntyre é a preocupação em devolver às teorias e práticas morais uma qualidade racional que foi abandonada na contemporaneidade. Seus estudos esforçam-se no sentido de reabilitar um paradigma de racionalidade ética que encarne a contingência e natureza

⁶ MACINTYRE, A. *Justiça de quem? que racionalidade?* São Paulo: Loyola, 1991. p. 376.

⁷ _____. *Idem.*, p. 388.

histórica da teoria e práticas morais e suas cristalizações em uma ordem social, portanto, que se estruture e se reconheça como uma tradição moral de pesquisa racional. Para MacIntyre somente a retomada da ética aristotélica das virtudes como uma tradição de pesquisa racional é que assume a qualidade de um paradigma de racionalidade ética superior. Somente o restabelecimento do paradigma da tradição das virtudes vai devolver a qualidade racional ao agir e ao pensar moral, fundado numa visão do *telos* humano constituído como uma narrativa histórica que situa as ações morais no quadro de um conjunto de princípios e padrões racionais que resultam de debates externos e internos, formulados ao enfrentar crises e questões que surgem no interior das práticas constitutivas da tradição de pesquisa e ação moral.

Referências Bibliográficas

CARVALHO, H. B. A. *Hermenêutica e filosofia moral em Alasdair MacIntyre*. Tese (Douto-

rado). Belo Horizonte-MG: FAFICH/Universidade Federal de Minas Gerais, 2004.

_____. *Tradição e racionalidade em Alasdair MacIntyre*. São Paulo-SP: Editora Unimarco, 1999.

MACINTYRE, Alasdair. *Justiça de quem? que racionalidade?* Tradução de Marcelo Pimenta. São Paulo: Loyola, 1991.

_____. *Animales racionales y dependientes*. Por qué los seres humanos necesitamos las virtudes. Barcelona: Paidós; 2001. 204 p.

_____. *Three rival versions of moral enquiry*. Encyclopaedia, genealogy, and tradition being Gifford Lectures delivered in the University of Edinburgh in 1988. Notre Dame: University of Notre Dame Press, 1990.

_____. *Depois da virtude: um estudo em teoria moral*. Tradução de Jussara Simões; Revisão técnica de Helder Buenos Aires de Carvalho. Bauru-SP: EDUSC, 2001.

MURPHY, M. C. *Alasdair MacIntyre*. [s.l.]: Cambridge University Press, 2003.